

#cm
2

SEGUNDA-FEIRA



Fernando Molica revela seu olhar sobre o subúrbio carioca

PÁGINA 7



Gramado abre espaço para longas europeus em mostra paralela

PÁGINA 4



Curta brasileiro rodado em Super 8 é premiado em Locarno

PÁGINA 6



Candeia, que completaria 90 anos este mês, deixou legado de 155 composições, condenou a mercantilização das escolas de samba (já nos 1970) e fincou os pés nas tradições afrobrasileiras para reinar na cultura popular

Luz que alumia o samba

Por Affonso Nunes

Antônio Candéia Filho completaria 90 anos no último domingo. Sua ausência física não ofusca

o brilho que sua obra continua projetando sobre o universo do samba. Quando criança, ele lamentava que suas festas de aniversário não tinham crianças. Seu pai, um flautista amigo de Paulo da Portela, Alvaiade, Manacéa, Argemiro e outros bambas portelenses aproveitava o 17 de agosto para chamar a turma adulta para um longo pagode temperado a feijão e cachaça. Ouviu e absorveu tanto esses presentes que, aos 17 anos compôs “Seis Datas Magnas”, samba-enredo que conquistou nota máxima inédita para a Portela em 1953.

Mas viver de samba? Quem conseguia? Jovem e forte, ingressou na Polícia Civil nos anos seguintes. Era durão. Prendia prostitutas e supostos malandros sem hesitar. “Ele queria ser bom em tudo. Se era policial, tinha que prender. Mais novo, como não tinha habilidade para jogar bola, foi ser centroavante rompedor. Fazia gol de ombro, do jeito que desse”, contou o amigo e biógrafo João Baptista Vargens, autor de “Candéia - Luz da Inspiração” ao jornal Folha de São Paulo em 2005.

Essa combinação lhe custou caro. Na manhã de 13 de dezembro de 1965, ao retornar de uma noitada no Centro, Candéia envolveu-se em uma discussão de trânsito. Em um surto, atirou nos pneus do caminhão que colidira com seu carro. A retaliação veio em forma de cinco disparos do motorista do caminhão. Um deles, fatalmente, atingiu sua medula espinhal, deixando-o paraplégico.

Segundo Selma Candéia, filha do sambista, sua reação inicial ao acidente era o desalento. “Mas os amigos e parceiros não deixaram ele na mão. iam pra casa dele, organizavam rodas de samba. Até aquele momento eu e meu irmão não tínhamos a compreensão do que ele significava para o samba e para música brasileira”, recorda.

O que poderia ter apagado seu brilho foi, na verdade, o seu ponto de virada, inaugurando a fase mais criativa e engajada de sua obra. A cadeira de rodas tornou-se o trono de onde ele reinaria soberano sobre o partido-alto e o samba de raiz, como ele próprio poetizou na emblemática “De Qualquer Maneira”: “Mesmo assim, eu sou feliz / Do meu trono eu vejo tudo / E de



Candéia segura a capa de 'Samba de Roda', um de seus álbuns mais populares, no qual mostra sua verve privilegiada para o partido alto

Ativista das raízes do samba e da cultura negra

tudo eu participo”.

Em conversa com este repórter em 2018, Monarco - contemporâneo de Candéia - contou ter convidado o amigo, em fins dos anos 1960, para ingressar na recém-criada Velha Guarda da Portela. “E eu lá sou velho para entrar em Velha Guarda”, reagiu Candéia. Monarco ingressaria no grupo na condição de seu mais jovem integrante e por lá ficou até morrer, em 2021.

Ainda que não se achasse velho, Candéia era sim um guardião das melhores tra-

dições do samba. Seu primeiro álbum solo, “Candéia” (1970), marcou o início de uma discografia que serviria de farol para as gerações futuras. “Raiz” (1971) trazia uma autoralidade quase griô, com composições que remetiam à ancestralidade afro-brasileira. Em “Samba de Roda” (1975), mostrou todo seu domínio nos improvisos do partido-alto. Em “Luz da Inspiração” (1977), o inquieto artista aprofundou sua investigação sobre a identidade negra no Brasil pós-abolição. Seu último trabalho, “Axé - Gente Amiga do

Samba”, finalizado pouco antes de sua morte em 1978, é considerado um dos discos mais importantes da história do gênero, uma síntese perfeita da filosofia musical e política do artista.

“Dizem muito que a obra do Candéia foi se modificando a partir do acidente, mas eu acho que isso era o amadurecimento das coisas que ele escrevia. Ele modernizou o que era tradicional e foi o primeiro artista a falar de políticas afirmativas em música, isso na década de 1970, antes de qualquer outro”,



Candeia teve canções gravadas pela baluarte portelense Tia Surica (sua maior intérprete) e por grandes nomes da MPB como Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes, Cartola, Paulinho da Viola e Zeca Pagodinho, entre outros



diz o cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz, recitando versos do samba “Dia de Graça”: “E deixa de ser rei só na folia / E faça da sua Maria, uma rainha todos os dias / E cante um samba na universidade / E verá que teu filho será príncipe de verdade”.

A luz de Candeia se espalhou através de parcerias memoráveis que enriqueceram nosso cancionário popular. Com Paulinho da Viola, criou “Minhas Madrugadas”, uma das mais belas canções do samba moderno. Ao lado de Wilson Moreira e Waldir 59,

assinou sambas-enredo antológicos para a Portela, chegando a emplacar seis sambas seguidos na escola. Com Martinho da Vila, compôs “Amor Não é Brinquedo”.

Em 1998, o álbum “Eterna chama – Candeia 20 anos – Memória”, lançado pela gravadora Perfil Musical, trouxe a faixa “Luz de Verão”, uma parceria póstuma de Candeia com Marquinhos de Oswaldo Cruz. “A música foi resgatada de uma fita cassete gravada pela Cristina Buarque e pelo Paulo César Piniheiro na casa do Candeia em que ele tovara

umas melodias. Ela me sugeriu colocar uma letra e acredito que esta tenha sido a minha maior dádiva como compositor na vida”.

Luiz Carlos da Vila (1949-2008) também pode se vangloriar de uma parceria póstuma com Candeia. Trata-se de “A Luz do Vencedor”, faixa-título de álbum gravado pelo artista em 1998.

“Ele é eterno, mora no meu coração. Uma pessoa maravilhosa no samba, na vida e que brigava muito pela gente preta e faz muita falta nos dias de hoje”, disse Tia Surica, a intérprete de “Pintura Sem Arte” e tantas outras músicas do amigo (é a cantora que mais gravou Candeia). A baluarte da Velha Guarda da Portela e presidente de honra da escola guarda na memória um momento especial com Candeia no desfile da azul e branco de 1966, quando foi uma das intérpretes do samba campeão, “Memória de um Sargento de Milícias”, de Paulinho da Viola. “Foi o primeiro desfile do Candeia depois do acidente. E fomos campeões na avenida, muita emoção”, lembrou.

Além de Tia Surica, cantores de várias gerações amplificaram o alcance da genial e visionária obra de Candeia: Clara Nunes, que eternizou “O Mar Serenou”; Cartola, que gravou “Preciso Me Encontrar” (de autoria erroneamente atribuída ao mangueirense ao ser lançada e posteriormente regravada por Marisa Monte e Ney Matogrosso); além de Beth Carvalho, Elza Soares, Cristina Buarque, Alcione, Zeca Pagodinho, Fundo de Quintal, Arlindo Cruz e Teresa Cristina.

Teresa, aliás, costuma afirmar que sua vida é dividida em dois períodos: A.C e D.C (antes de depois de Candeia). Hipnotizada pela força de sua obra, Teresa foi a campo para tentar conhecê-lo ainda mais. Aproximou-se de João Batista Vargens, biógrafo do sambista, e da Velha Guarda da Portela. “Eu nem sonhava em virar cantora. Mas a Velha Guarda, e principalmente Monarco, me abraçou. Me dava chance nos shows. Isso eu nunca mais vou ter como pagar”, disse a cantora em entrevista à repórter Bianca Lobianco em 2015. Foi nesse ano que ela compôs seu primeiro samba-enredo, justamente quando a Renascer de Jacarepaguá decidiu reverenciar o mestre em seu desfile na Sapucaí.

Mais que compositor e intérprete, Candeia pavimentou os caminhos da resistência cultural. Crítico ferrenho da comercialização desenfreada das escolas de samba, denunciava o afastamento das agremiações de suas raízes comunitárias com a chegada de pessoas vindas de fora (figurinistas, coreógrafos, artistas plásticos, entre outros que es-

tavam “profissionalizando” o Carnaval).

Em 1975, materializou esta visão ao fundar o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, espaço dedicado à preservação da autenticidade do samba e à valorização da identidade afro-brasileira. Desfilando pelas ruas do subúrbio, a escola não participava das competições oficiais do carnaval, mas chegou a encerrar o Desfiles das Campeãs de 1978, com o memorável enredo “Ao Povo em Forma de Arte”, com samba antológico de Nei Lopes e Wilson Moreira.

Neste período de rompimento com o establishment das escolas, lançou “Escola de Samba: A Árvore que Esqueceu a Raiz”, um livro-manifesto escrito em parceria com Isnard de Araújo e publicado em 1977. A obra desnudou as contradições do carnaval comercial e propondo caminhos para o retorno às origens comunitárias das agremiações. Suas reflexões anteciparam debate que se intensificaria nas décadas seguintes.

Marquinhos de Oswaldo Cruz destaca que o ativismo de Candeia foi tão forte que, por pouco, não ofuscaria seu lado compositor. “Embora tivesse canções gravadas por grandes nomes de nossa música, como Clara Nunes e Beth Carvalho, sua obra andava até certo ponto esquecida. A chegada de Arlindo Cruz ao Fundo de Quintal reaproximou Candeia das gerações futuras. Arlindo tinha Candeia como grande referência pessoal e artística e levou alguns de seus sambas para o repertório do grupo”, conta.

No carnaval de 2026, uma agremiação paulistana decidiu falar de Candeia em seu enredo: a Lavapés Pirata Negro, fundada pelo ator Ailton Graça.

Mantendo por Selma Candeia, o Quilombo manteve atividades regulares em Acari, na Zona Norte, com rodas de samba e atividades até 2022. Mas a herdeira deste magnífico legado não perde a esperança de encontrar outro espaço para organizar rodas de samba, eventos culturais e palestras para a juventude. “Meu pai sempre se bateu na questão de que as tradições do samba precisam ser passadas de geração a geração”, explica Selma, que integra o conjunto Matriarcas do Samba junto com Vera de Jesus e Nilcemar Nogueira, netas de Clementina de Jesus e Cartola, e que vai celebrar o repertório de Candeia no sábado (23) no Teatro Rival.

Não vejo como encerrar esse relato sobre Candeia, sua genialidade e legado sem lembrar os versos de Luiz Carlos da Vila para o amigo na conhecida “O Sonho Não Acabou”: “O tempo que o samba viver / O sonho não vai acabar / E ninguém irá esquecer / Candeia”.

Em paralelo à disputa pelo Kikito, Festival de Gramado abre conexão com o cinema europeu, com mostra paralela de longas francesas e presença de bons títulos nacionais já vistos lá fora



'O Último Moicano' aborda a labuta de pastores acossados pela máfia

O sol nasce para as telas do mundo

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ursos alemães, sobretudo os de Prata e os de Cristal, signos de excelência na Berlimale, têm um histórico de bom acolhimento em Gramado. Muitos filmes latino-americanos que o Festival de Berlim descobriu – e consagrou – tiveram estreia nacional na telona gramadense, como “A Teta Assustada” (2009), por exemplo. Este ano, quem abriu a maratona cinéfila da Serra Gaúcha, na sexta, foi a produção brasileira que ganhou três láureas na Alemanha, em fevereiro, incluindo o Grande Prêmio do Júri de Berlim: “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro, com Denise Weinberg e Rodrigo Santoro.

Escolha pautada pela qualidade: o longa impressiona plateias por onde passa ao retratar um Brasil distópico, no qual pessoas 70+ são condenadas a campos de concentração para gente idosa ser isola-

da. A convocação de Mascaro para o abre-alas da 53ª edição do evento também traduz um desejo de diálogo internacional. Da década de 1990 até a pandemia, Gramado teve uma competição estrangeira, ibero-americana, que assegurou a passagem de títulos internacionais. Essa competição hoje está adormecida, mas há uma mostra de títulos franceses, hors-concours, engatilhada, para ser exibida no Teatro Elisabeth Rosenfeld.

Por lá serão exibidos longas como “O Último Moicano”, de Frédéric Farrucci, que passou pelo Festival de Veneza, em 2024. No enredo, Joseph (Alexis Manenti), um dos últimos pastores de cabras na costa da Córsega, recebe a visita da máfia local, que tem interesse em suas terras. Apesar da pressão, ele se recusa a ceder e, acidentalmente, mata o homem enviado para intimidá-lo. Outra pérola francófona importada por Gramado é “Cachorro Bravo”, de Jean-Baptiste Durand. O longa ganhou o César (o Oscar da França) de Melhor Filme de Estreia e de Melhor Ator Revelação, dado a Raphaël Quenard. Em seu roteiro, Dog (Anthony Bajon) e Mirales (Quenard) são amigos de infância. Passam grande parte do



Eric Dumont/Les Films Velvet

'Os Piores' ganhou o Prix Un Certain Regard de Cannes

dia perambulando nas ruas.

O bonde da terra de Emmanuel Macron em Gramado traz também “Os Piores”, que deu o Prix Un Certain Regard a Lise Akoka e Romane Gueret em Cannes, em 2022. Nele, um grupo de adolescentes de um bairro é selecionado para atuar em um longa durante o verão, numa ação social que expõe fraturas políticas crônicas. O quarto integrante do time da França em terreno gaudério é “Suprêmes”, de Audrey Estrougo. A produção fala de um fenômeno do rap europeu: a dupla cool (e cult) Supreme NTM, formada por Joey Starr (Théo Christine) e Kool Shen (Sandor Funtek). É uma fina radiografia do

subúrbio de Paris, com protestos e brutalidade policial.

Na sintonia com a circulação de nossos longas por terras gringas, Gramado exhibe nesta terça, na competição de ficção “A Natureza Das Coisas Invisíveis”, da brasileira Rafaela Camelo, que brilhou na mostra Generation da já citada Berlimale. Em sua trama, que comoveu olhos berlinenses, a menina Glória, de 10 anos (vivida por Laura Brandão), acompanha a mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, em um hospital. A garota já conhece o local e costuma explorá-lo sozinha. Um dia, ela conhece Sofia (Serena), da mesma idade, que está lá por causa de sua

avó, uma curandeira espiritual que sofre de Alzheimer. Uma relação de cumplicidade vai nascer ali.

No dia 20, a mostra de documentários recebe, diretamente do Festival de Cannes, “Para Vigo Me Voy!”, no qual Karen Harley e Lírio Ferreira vasculham sonhos, saudades e sucessos de Cacá Diegues (1940-2025), que nos deixou em fevereiro, sem pedir licença à nossa carência. É uma narrativa vertiginosa a partir de arquivos pouco conhecidos, com imagens do set de “Deus Ainda É Brasileiro”, que o artesão autoral alagoano nos deixou de herança, ainda inédito.

No júri de longas de ficção de Gramado deste ano estão a atriz Isabel Fillardis, três cineastas (Fernanda Lomba, Sérgio Rezende e Petrus Cariry) e o ator Edson Celulari. O júri de longas documentais é composto pela documentarista e jornalista Thais Fernandes, o diretor Bertrand Lira e o ator Marcos Breda. O time que julga curtas inclui a crítica de cinema e cofundadora do Mídia Ninja Driade Aguiar, o produtor e diretor do festival Curta Cinema Aílton Franco, as atrizes Larissa Bocchino e Polly Marinho e a apresentadora e diretora Sarah Oliveira.

ENTREVISTA / LEONARDO MARTINELLI, CINEASTA

'O Carnaval simboliza a rara oportunidade de a cidade pertencer, de fato, ao povo'

53 FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Três meses após ganhar uma das vitrines mais prestigiosas do planisfério cinéfilo – a Semana da Crítica do Festival de Cannes – e levar o Rio de Janeiro à Croisette, Leonardo Martinelli, um carioca da Zona Norte, aporta seu novo (e belíssimo) filme, “Samba Infinito” nas telas gaúchas. O Festival de Gramado será a vitrine de estreia de seu novo experimento narrativo, que conta com Gilberto Gil no elenco. Foi lá mesmo, na Serra Gaúcha, que ele encheu seu currículo com troféus Kikitos pelo musical metafísico “Fantasma Neon”, em 2022.

Um ano antes, a produção de título espectral testou a sorte na competição Pardi di Domani, do Festival de Locarno, em solo suíço, e saiu de lá com o prêmio principal, numa vitória histórica para o Brasil. Não por acaso, ele foi chamado para Locarno de novo, em 2023, para lançar por lá “Pássaro Memória” – também em concurso.

Com sessão em Gramado nesta terça-feira (19), “Samba Infinito” é um poema em pílula sobre o carnaval, que tem Camila Pitanga em cena. Alexandre Amador é o protagonista dessa coprodução franco-brasileira, rodada com apoio da RioFilme, CNC e France Télévisions, que marca a estreia do jovem ator Miguel Leonardo. A trama desenrola-se durante a folia de Momo



Divulgação

no Rio. Em paralelo à chuva de confete e serpentina, um gari enfrenta o luto pela perda da irmã enquanto cumpre as suas obrigações de trabalho. Em meio à alegria dos blocos de rua, ele encontra uma criança perdida e decide ajudá-la. O encontro deflagra fricções entre duas entidades demasiadamente humanas: a lembrança e a imaginação. As duas ilustram o papo a seguir

O que Gramado deu de mais valioso ao teu “Fantasma Neon” e que valor simbólico o festival gaúcho tem no imaginário do cinema?

Leonardo Martinelli: Meu curta-metragem “Fantasma Neon” estreou mundialmente no Festival de Locarno em 2021, onde ganhou o Leopardo de Ouro de curta-metragem (na seção Pardi di Domani). A emoção foi intensa, e eu tinha

uma certeza: queria que a estreia nacional fosse na competição do Festival de Gramado. Ambos os festivais acontecem em agosto. Gramado começa enquanto Locarno está encerrando, mas havia um problema. Quando recebi a seleção de Locarno, as inscrições de Gramado já estavam fechadas há tempos. Então, tomei uma decisão arriscada: segurar a estreia nacional de “Fantasma Neon” por um ano inteiro, para que a primeira exibição no Brasil fosse na competição do Festival de Gramado, em 2022. O risco valeu a pena: não só fomos selecionados, como ganhamos cinco prêmios, incluindo o de Melhor Filme do júri oficial, de forma unânime. A sessão de estreia de “Fantasma Neon” em Gramado foi histórica. Abrimos para a primeira exibição de “Marte Um” no Brasil - um filme que deixou grande impacto no imaginário do cinema

nacional nos últimos anos. Gramado é um lugar especial para um filme brasileiro, e estou muito animado para ter a estreia brasileira de “Samba Infinito” lá, depois da passagem pelo Festival de Cannes, mais cedo este ano.

Locarno acaba de encerrar sua edição de número 78 e você concorreu lá duas vezes. Teve a vitória do “Fantasma Neon”, em 2021, e a participação de “Pássaro Memória”, em concurso, em 2023. Em ambas as ocasiões, o evento suíço esteve sob a curadoria de Giona A. Nazzaro. Qual foi o maior aprendizado que Locarno te trouxe?

O Festival de Locarno mudou minha vida. As portas que se abriram para mim depois do prêmio possibilitaram grande parte da construção da minha carreira atual.

O que mais me encanta no festival é que, a cada edição em que participo, minha noção do que é possível experimentar dentro de uma sala de cinema se expande. Locarno é, sem dúvida, o melhor amigo do cinema autoral de vanguarda.

Que carnaval é esse que você leva de Cannes para a Serra Gaúcha? O que significa ter Gilberto Gil na telona no Palácio dos Festivais?

Viver o carnaval de rua no Brasil é uma experiência intensa, e compreensivelmente não é para todos. As ruas e praças são tomadas por corpos, celebração, música e fantasia. Para mim, o carnaval simboliza a rara oportunidade de a cidade pertencer de fato ao povo, algo que, infelizmente, não acontece o tempo todo. Em “Samba Infinito”, esse espírito aparece em contraste: de um lado, a sobriedade e o labor de um trabalhador que cuida das ruas; do outro, a cidade mergulhada em seu estado mais onírico. Essa tensão se soma à trajetória de alguém atravessando um luto profundo, refletindo sobre como o próprio espaço urbano pode amplificar a intensidade das emoções. A nostalgia que permeia o filme não nasce tanto do desejo de reviver o passado, mas de uma espécie de fricção poética: a beleza e a violência da impermanência. O fim do carnaval, a ausência de quem partiu e até a urgência de ajudar uma criança perdida. Tudo se mistura. Gilberto Gil foi inspiração não apenas pela música, mas pela filosofia: sua visão do Brasil acolhe a beleza na contradição, e isso norteou profundamente o filme.

O curta 'O Rio de Janeiro Continua Lindo' é premiado no festival europeu, que consagra o Japão ao conferir o Leopardo de Ouro ao diretor Sho Miyake

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ao rugir elogiosamente para o Japão, confiando o troféu Leopardo de Ouro a "Two Seasons, Two Strangers", de Sho Miyake, o Festival de Locarno ampliou o rol de vitórias do cinema brasileiro no exterior neste ano em que o país (enfim) conquistou um Oscar (com "Ainda Estou Aqui"), ao premiar "O Rio de Janeiro Continua Lindo". Atualmente radicado entre Genebra e Bruxelas, seu diretor, o suíço-carioca Felipe Casanova, venceu a competição Corto Nazionale, que coroa a prata da casa, ainda que feita em conexão com outros países, como o Brasil. A premiação foi anunciada no sábado.

A plateia se encantou com a narrativa de Casanova, que se constrói em meio à folia do Carnaval, quando uma mulher, Ilma, escreve para o filho, sob a dor de uma perda. A inquietação da dramaturgia vem do processo afetivo a partir do qual ela sente a presença dele na multidão. A partir do relato dela, a celebração do Rei Momo é desenhada na tela como um espaço de memória e também de resistência política.

"As filmagens dos blocos de rua do carnaval foram feitas de maneira muito espontânea. Era eu e a minha câmera Super-8", diz Casanova ao Correio. "Acho que consegui captar a energia da folia que acontece durante os blocos graças a esse dispositivo de filmagem leve e espontâneo. Eu me fundi a massa e imergi nela, para me aproximar



Divulgação

'Two Seasons, Two Strangers' conquistou o Leopardo de Ouro de 2025, num diálogo do cinema japonês com as HQs de sua pátria

GOI

suíço-brasileiro



OS VENCEDORES DE LOCARNO

Leopardo de Ouro

*"Two Seasons, Two Strangers", de Sho Miyake (Japão)

Prêmio Especial do Júri

*"White Snail", de Elsa Kremser e Levin Peter (Áustria)

Melhor direção

*Abbas Fahdel, por "Tales Of The Wounded Land" (Líbano)

Melhor interpretação

*Manuela Martelli e Ana Marija Veselcic, por "God Will Not Help" (Crácia) e para Marya Imbro e Mikhail Senkov, por "White Snail"

Menção honrosa

*"Dry Leaf", de Alexandre Koberidze (Geórgia)



Un point bleu pâle

'O Rio de Janeiro Continua Lindo', de Felipe Casanova, sai premiado do festival suíço

Concurso Corti d'Autore (Curta Autoral)

*"O Rio de Janeiro Continua Lindo", de Felipe Casanova

Pardo di Domani (Melhor Curta)

*"A Very Straight Neck", de Neo Sora (Japão)

Pardino d'argento (Leopardo de Prata de Curtas)

*"Hyena", de Altay Ulan Yang (EUA)

Prêmio da Crítica

*"Dry Leaf"

ao máximo da sensação de estar lá dentro. Todo o material era super raro, porque foi filmado em pelícu-

la e nada era ensaiado".

Ganhador da láurea mais disputada de Locarno, em 2025, o

japonês Sho Miyake, nascido em 1984, iniciou a carreira em 2012, com "Playback", e chamou atenção

em 2022, ao passar pela Berlinale com "Small, Slow But Steady". Em "Two Seasons, Two Strangers", Miyake trava um diálogo com as HQs de Yoshiharu Tsuge, um mestre dos mangás.

No enredo do longa, o casal Nagisa e Natsuo se encontra à beira-mar. Engatam um esboço de romance trocam palavras constrangedoras e entram no oceano encharcado pela chuva. Essa porção do longa se passa num verão. Já no inverno, Li, uma roteirista, viaja para uma vila coberta de neve. Lá, ela encontra uma pousada administrada pelo taciturno atendente chamado Benzo. Suas conversas raramente se conectam, mas eles partem em uma aventura sentimental inesperada.

O Prêmio Especial do Júri presidido pelo diretor cambojano Rithy Pahn ficou com "White Snail", também uma história de amor - assim como "Two Seasons, Two Strangers". Trazida da Áustria por Elsa Kremser e Levin Peter, a trama fala de uma modelo que ensaia um romance com um agente funerário com ambições artísticas. Marya Imbro e Mikhail Senkov, que encarnam essa dupla dolorosamente apaixonada, ganhou o Prêmio de Interpretação, num empate com a chilena Manuela Martelli e a eslava Ana Marija Veselcic, laureada pelo drama "God Will Not Help", da Croácia.

A menção honrosa das juradas e jurados presididos por Rithy ficou para Geórgia, à luz da arte de tons fabulares de Alexandre Koberidze, que ainda recebeu o Prêmio da Crítica (atribuído pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica - Fipresci) por "Dry Leaf". Koberidze narra em seu mais recente trabalho a busca por uma fotógrafa desaparecida.

Ao escolher que artista ganharia a láurea de Melhor Direção de Locarno este ano, Rithy decidiu em favor do libanês Abbas Fahdel, que impressionou olhares com "Tales Of The Wounded Land". O documentário é uma crônica íntima da guerra que devastou o sul do Líbano durante um ano e meio, capturando o cotidiano daqueles que foram apanhados pela violência.

ENTREVISTA / FERNANDO MOLICA, JORNALISTA E ESCRITOR

‘Nosso presente é um diálogo constante com o que já vivemos’

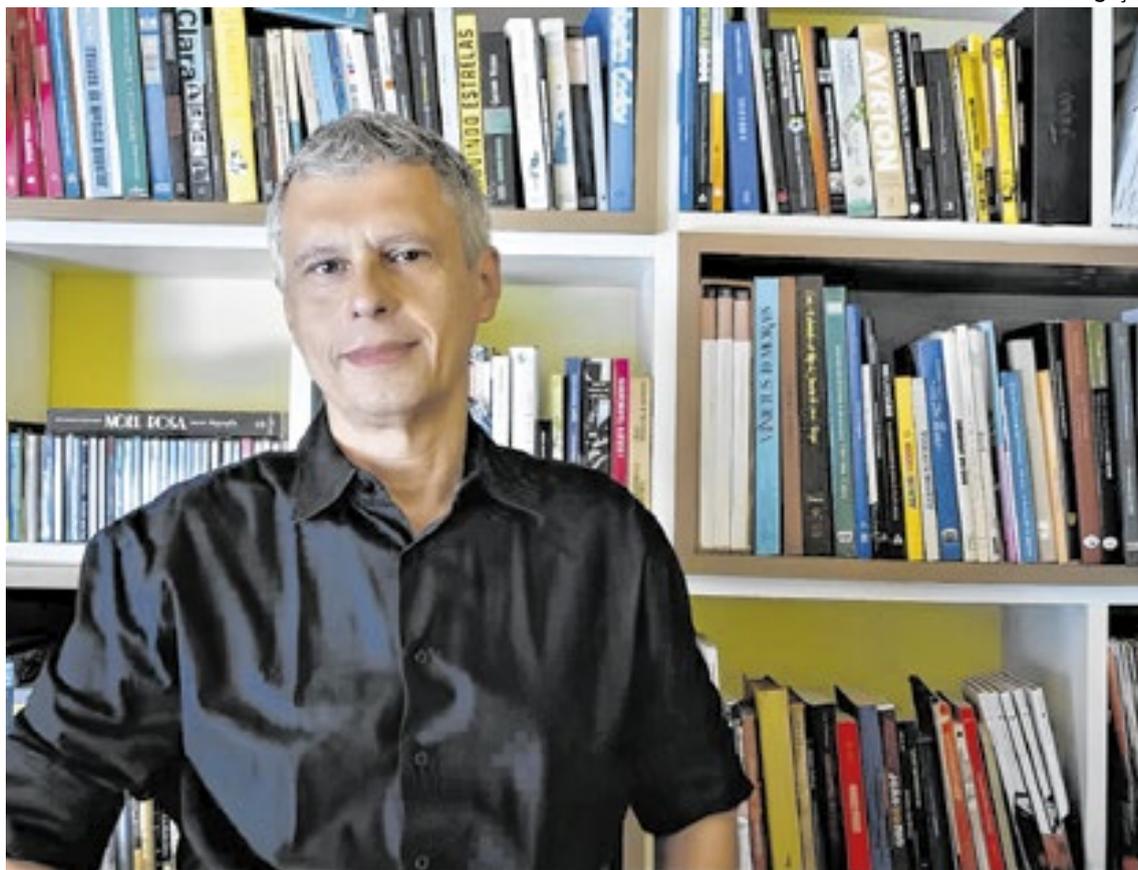
Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

“**CRIA**” dos subúrbios carioca, Fernando Molica tornou-se “mauricinho” adulto, quando foi viver na Zona Sul. Ele mesmo considera que a mudança da família da Piedade para o Méier, em sua adolescência, conferiu-lhe um lastro de morador de bairro nobre – algo que “só quem é suburbano sabe o valor”, garante. Hoje, frequenta bares e casas de amigos na Zona Norte sem olhar nostálgico – o que ele espera é que as regiões desprezadas pela especulação imobiliária recebam melhorias devidas, com a recuperação do sistema de transporte ferroviário e mais segurança.

Os bairros da infância são cenário de muitas das crônicas reunidas em “Meninos que brincaram na Lua” (Tinta Negra, R\$ 49,90), cuja visão lúdica não impede a crítica e a denúncia das desigualdades sociais. Boa parte do material é inédito, mas alguns textos já foram publicados na coluna que o jornalista assina no Correio da Manhã, quando aborda temas não-políticos.

Além do jornalismo, Molica teve uma sólida carreira literária, sendo duas vezes finalista do prêmio Jabuti e tendo dois de seus nove livros publicados no exterior. Um dos incentivadores para que se tornasse um leitor foi o pai, José Amélio Molica, que, aos 92 anos, lançou seu primeiro livro “O mundo começa em Cajuri” (Tinta Negra, R\$ 42,90), com memórias da infância na roça de Minas Gerais. “Gostar de ler foi fundamental para que, depois, eu tivesse vontade de escrever. A situação em casa era



Divulgação

confortável, permitindo a compra de livros, algo negado à maioria da população, o que se agrava com a falta de uma rede importante de bibliotecas. Meu pai escreve muito bem, tem uma memória fantástica, e é um grande contador de histórias. Seu livro é consequência disso”, diz Fernando Molica, nesta entrevista ao Correio da Manhã.

A crônica, esse gênero que se situa entre o memorialismo e a discussão do momento, se apoia na nostalgia? Você se considera um saudosista ou prescinde de classificação?

Fernando Molica - A palavra crônica remete ao tempo, a registros ao longo da história, permite

algum diálogo entre o jornalismo – tem a ver com o olhar, com o fato que passa na nossa frente – e a literatura. Ao organizar o livro, busquei separar os textos por temas, e o que estava disperso ganhou outra lógica. Agrupadas, as crônicas geram um novo sentido. Paulinho da Viola, costuma dizer algo como ‘Não vivo no passado, mas o passado vive em mim’. Acho que isso ocorre com todos nós. É impossível desvincular nosso presente do nosso passado. Nosso presente é um diálogo constante com o que já vivemos. O futuro e todos os nossos desejos, planos e medos também passam pela releitura do que houve, pelo que foi resolvido ou superado, pelo que ainda nos aperta os calos.

Não sou saudosista porque gosto muito do presente e, apesar de tudo, tenho muita expectativa em relação ao futuro, mas o passado, e aí repito Paulinho, está sempre comigo.

Como você vê a vida atual nos subúrbios cariocas? Existe forma de resgatar a tranquilidade da vida no Rio?

Vou muito a subúrbios cariocas, meu umbigo ficou por ali, pertinho da linha do trem. Vir para a Zona Sul, onde estão as praias, mais cinemas, mais teatros, foi um movimento natural numa cidade tão hierarquizada e dividida. O poder público, fazendo tabelinha com o mercado imobiliário, investiu mui-

to mais na Zona Sul e na região da Barra, o que só agravou as diferenças. O subúrbio, tão fundamental na formação do Rio e do carioca, foi sendo deixado de lado, quem pôde foi pra Tijuca, pra Barra, pro Recreio. A desvalorização abriu espaço para a criminalidade. A insegurança também levou à adoção, nos subúrbios, do conceito de condomínios fechados, de prédios que se fecham em si, que não dialogam com a cidade e que, por isso, a tornam mais insegura.

Você gosta de, como escritor, obedecer a um calendário de pop star, participando de palestras, feiras, conversas com o leitor?

Estou longe de ser um pop star. É legal que o livro se torne algo mais pop, menos associado a uma erudição chata, a bibliotecas cheias de poeira. Literatura, acima de tudo, tem a ver com prazer. Não dá, hoje, para ignorarmos as redes sociais no processo de divulgação de livros, assim como são ótimas as feiras, as festas, as bienais. No entanto, de um modo geral, esses eventos ocorrem dentro de um determinado espaço, por um curto tempo. Servem para estimular a leitura, a curiosidade, mas não encaminham saídas, nem têm como fazer isso. Poderiam ser articulados com as secretarias de educação, com as escolas. Os colégios poderiam adotar livros de autores que, dali a tantos meses, participem de um evento na cidade. Seria um estímulo a mais para os leitores, movimentaria o mercado editorial. E permitiria um diálogo mais produtivo entre autores e leitores. Em 2026, por exemplo, Carolina Maria de Jesus será o enredo da Unidos da Tijuca. Seus livros já deveriam estar sendo lidos em todas as escolas cariocas, públicas e privadas. Ela fala de pobreza, de racismo, de fome, fala de esperança, de alegria. Trata de temas muito presentes na vida da maioria de nossas crianças e de nossos jovens. O mesmo vale para Heitor dos Prazeres, tema da Vila Isabel. Suas músicas e seus quadros já deveriam estar desfilando em todas as escolas.



Domingou!

Linda, no que se apresenta, o triste se ausenta... É, o Mestre Cartola cantarolando lá do céu em versos. Ele dá um bom-dia à Cidade Maravilhosa.

O 'céu quase de brigadeiro' se mantém firme e forte, nada teme, deixando o ciclorama límpido, translúcido, fluido. Apenas uma teimosa stratus se faz presente para lá do firmamento.

Tons alaranjados a emolduram este presente divinal. O sol doira a atmosfera e, como na música "Raio de sol" composta por Paulinho Soledade juntamente com Renato Terra e Alexandre Agra: "...mas se / um raio de sol / for buscar você / entregue-se a ele / pois serei eu a te querer / mas se um raio / de sol / tocar em você / sorria pra ele..."

O Astro-Rei teima em equilibrar-se no topo das montanhas, se respaldando entre o pseudo vale que se forma e a pequenina nuvem que, faceira, o enquadra. Pássaros? Nem de aço nem de penas... nenhum deles deu o ar da graça.

E sobe o bondinho e desce o bondinho... em seu vai e vem ritmado em bolero... também não. Aos domingos parece que, somente eu e o Febo despertamos cedo.

Amanhece na Muy Leal e Heroica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro... então, como um dia de domingo, faz de conta que ainda é cedo e deixa falar a voz do coração porque eu vou ao Maracanã.

